

SONHO?

Pedro de Freitas Damasceno da Rocha*

Mais uma vez. Acordou novamente assustado, suando. As imagens eram as mesmas de sempre, e apesar de não reconhecê-las, eram-lhe familiares. Tudo se passava em outra cidade, pessoas na rua falavam uma outra língua, via-se perdido na multidão que corria ao redor. Havia fumaça no ar. Atordoado, sem saber onde estava, a cabeça parecia-lhe pulsar ao incessante barulho de sirenes. Percebeu que em um grupo que se reunira perto de si, alguns sangravam, um parecia desacordado, poucos conseguiam manter qualquer tipo de calma. Não distinguia os sons que ouvia, não compreendia o que as pessoas diziam. De repente uma explosão levou-o ao chão, desacordado.

Felicidade estava ao seu lado, como sempre, e ao vê-lo despertar afagou seu cabelo num gesto fraterno antes de levantar-se e caminhar para fora do quarto. O aroma do café chegou-lhe como um sopro de ânimo para enfrentar mais um dia. Ela o encontrou já sentado na cama, alongando seus braços como quem se prepara para uma prova. Entregou-o a caneca de café e sentou-se à sua frente. Ele deu um gole lento, e não querendo pensar em outra coisa, pensou que Felicidade fazia o melhor café do mundo. O semblante de Felicidade era tranquilo, mas após tantos anos juntos ele sabia que ela não estava.

Eles se conheceram nos últimos anos da universidade, numa fase em que as promessas da vida ainda eram doces e abundantes, e por mais que não fossem dos mais otimistas, assim como todos, nem sequer imaginavam o que estava por vir. As lembranças daqueles tempos, surgidas entre taças e amigos vinham com risos saudosos, no entanto, essas memórias eram cada vez menos frequentes nos dias atuais. As esperanças da juventude ficaram no passado, ele dizia que restaram as teimosias, ela, os princípios. Divergências à parte, ambos concordavam ser este o nó de seus problemas.

A maior saudade não era do que viveram, mas de onde e como levavam suas vidas quando começaram a caminhar por si mesmos. Suas origens eram distintas, também suas trajetórias e desafios, porém sempre convergiram em suas ambições e objetivos. Queriam trabalhar com o que escolheram, contribuir para as comunidades de onde viviam, ter o mínimo de dignidade com o fruto de seus esforços, e conseguir aproveitar seu curto mês de férias da forma como bem entendessem. Alguns conhecidos dos tempos de juventude os consideravam simplórios, outros frustrados, e havia quem dizia ser um desperdício se dedicarem a tão pouco. Hoje frequentam mais outras companhias.

Cresceram em famílias humildes em contextos bem diferentes, mas em condições razoavelmente similares, ela perto de uma grande capital do norte, ele em uma pobre vila no interior da região mais rica do país. O país era quase um continente, as variedades que representava enchiam a todos de vida e aos viajantes de múltiplas experiências, do mar ao deserto, das montanhas nevadas às florestas tropicais e às infinitas planícies centrais, das antigas cidades aos modernos centros urbanos. Os denominadores comuns de tão plural universo eram a alegria de seus cidadãos e a desigualdade cruel imposta por uma pequena minoria de privilegiados à maioria da população.

Felicidade foi criada nos arredores de um grande centro urbano onde desde cedo experimentou a solidariedade dos vizinhos e a violência da polícia. Sua mãe trabalhava como empregada doméstica para as famílias ricas da cidade, e seu pai fazia pequenos trabalhos esparsos como ajudante de obras. Apesar da infância simples, conseguiu completar seus estudos

* Doutor e Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Secretário Executivo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF Sudeste MG). Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais na Pró-Reitoria de Extensão - Reitoria do IF Sudeste MG, Juiz de Fora. E-mail: pedrofreitasdr@gmail.com

em uma rede de escolas públicas do governo central. A dedicação e seriedade que desde pequena demonstrou a levaram onde seus pais jamais haviam imaginado. Mudou-se para a capital do sul para fazer universidade e formou-se em artes. A adaptação longe de casa não foi fácil, mas a perspectiva de que poderia encontrar trabalho com mais facilidade, e levar uma vida de menos amarguras que a de seus pais, serviram-lhe de incentivo.

Ele cresceu na região mais rica do país, mas em uma minúscula cidade do interior. Sua mãe o abandonara e ao marido pouco após dar à luz, era o que o pai lhe dizia. O pai trabalhava em uma das fazendas da área, cujo dono tolerava com estranha benevolência suas faltas e o fato de que o empregado vivia bêbado mais da metade do tempo. A esposa deste fazendeiro, compadecida da má sorte do menino - ou culpada pelos atos do marido, diziam na vila - assumiu para si a tarefa de o educar. Quando ficou um pouco mais velho, na escola da vila era obrigado a aturar os filhos dos coronéis que não o deixavam em paz. Enfrentou todas as dificuldades com uma maturidade surpreendente, e desde o momento que decidiu sair daquele lugar assim que pudesse, passou a aceitar com menos rebeldia a ajuda que a esposa do fazendeiro lhe dava.

Foram apresentados um ao outro na aula de teatro, em que representaram Eurídice e Orfeu. Depois disso, raramente se separaram. Após a universidade, ele passou a dar aulas de história em uma escola secundária, enquanto ela criou um centro comunitário para trabalhar com crianças e mulheres. Foram anos de apertos, e não fossem algumas economias, seria impossível pagar as contas, até que em dado momento ele foi aprovado para trabalhar em um setor administrativo do governo central. Os dois acreditavam que poderiam ajudar a transformar a realidade em torno deles, com pequenos gestos e ações. O país vinha em uma crescente de melhora nos últimos anos, levando todos a crer que seria possível acabar com as desigualdades e oferecer condições dignas a todos. Foi quando tudo parecia bem que as coisas começaram a mudar, e sem que houvesse aviso prévio, o mundo virou do avesso.

A violência era algo com que estavam acostumados, não somente eles, mas toda a população, em vários aspectos. Ela cresceu sendo menosprezada por sua cor, por sua crença e por ser mulher. Ele, filho de um pai traumatizado pelo passado, tinha dúvidas se sua mãe de fato fugira ou se lhe fora tirada. As notícias entre conflitos de forças policiais e grupos independentes se multiplicaram, assim como os crescentes casos de segregação entre os distintos grupos que habitavam o país. O povo que se orgulhava de sua alegria mesmo na árida realidade do dia a dia, se viu gradualmente entristecido e dividido. Felicidade sentiu na pele quando a situação chegou a um ponto crítico: seu espaço foi invadido e depredado durante uma madrugada. Ele notou as transformações evoluindo gradativamente no ambiente de trabalho, com um crescente número de reuniões a portas fechadas e expressões cada vez mais taciturnas.

Após ter seu centro comunitário destruído, Felicidade engajou-se ainda mais em resistir contra o que se passava. Por medo, ela não reabriu o local, até porque as contas não lhe cabiam no bolso, mas passou a atuar diretamente com aqueles que antes a frequentavam. Ela ia de casa em casa oferecendo todo tipo de suporte possível, e acabou por reunir um pequeno exército de colaboradores. Pela estabilidade dele em serviço pelo governo central, ele ajudava com os custos das atividades dela com todo prazer, e no seu trabalho também resistia à sua maneira. Montou um grupo de conversas com outros trabalhadores para organizarem as demandas do centro em que atuava, buscando minimizar as pressões que sofriam e tentando angariar a atenção dos seus superiores, pois ele acreditava que mesmo vinculados ao governo central sua unidade deveria ter mais autonomia para desempenhar as atividades que lhe cabiam.

Em certa altura dos conflitos internos do país, das convulsões a que a população era submetida pelo governo central, os limites foram perdidos por praticamente todos, e dali em diante a situação só piorou. Aprovaram leis que comprometeram a condição dos trabalhadores, o transporte público foi reduzido a ferro-velho, o sistema de saúde sucateado e restrito a uma minoria, os mercados desabastecidos, e para conter a onda de protestos, reforçaram o exército e as forças policiais. O governo central não era capaz, do alto de sua ignorância sustentada pela

divisão das pessoas e crescente intolerância, de coordenar as ações necessárias para colocar a o país nos trilhos, abrindo espaço para que as províncias assumissem por necessidade o controle absoluto de seu território. Talvez esse tenha sido o pior golpe no espírito dos indivíduos.

Conflitos armados estouraram em diversas capitais e regiões, forças populares tentavam resistir às demonstrações de força das autoridades locais que viam na repressão a única forma de controlar os populares. Os grupos criminosos aliaram-se aos grupos sociais, grande parte deles liderados por mulheres que cansaram de ver seus filhos serem mortos, de fome ou à bala. Esse movimento acirrou em muito os combates e houve quem acreditasse que o povo assumiria o leme deste país à deriva. A sombra desta ameaça, no entanto, fez com que a violência atingisse graus surpreendentes de crueldade. Pessoas começaram a sumir misteriosamente, sedes da resistência popular explodiram durante a madrugada com estranha frequência, o acesso à alimentação foi reduzido a níveis de miséria, salvo para os bolsões de riqueza, protegidos por muros e segurança pesada.

Nessa época Felicidade andava esgueirando-se entre becos e trincheiras de rua. Seu trabalho com outras mulheres em rede de solidariedade havia se transformado em uma rede de amparo. Elas socorriam os feridos nos combates com a polícia, articulavam a distribuição de comida para os mais pobres, escondiam ativistas procurados, faziam campanha de educação e conscientização da população desamparada pelo estado. No escritório, ele obedecia em silêncio a seus supervisores, depois de inúmeras retaliações sofridas. Seu grupo de debate com os trabalhadores foi proibido, os participantes remanejados para evitar contato e submetidos a serviços exaustivos sem qualquer finalidade prática. O que mais o amedrontou foi quando o convocaram no gabinete de sua central administrativa, mas o convite não fora feito por seu chefe, e sim por dois homens armados.

Ele estava trabalhando no almoxarifado, isolado do convívio com os colegas já havia mais de mês após a dissolução de seu grupo, quando percebeu que dois homens desconhecidos se aproximavam. Educadamente pediram que o acompanhassem ao gabinete. Durante todo o caminho ele seguiu calado, tinha medo do que pudesse ouvir. Ao chegar, quase desmaiou ao ouvir seus receios confirmados, sua companheira havia sido presa, e se ele colaborasse nada de mais aconteceria a ela. Acusavam Felicidade de estar envolvida com a articulação dos grupos de resistência contra o governo central e queriam informações. Manteve-se em silêncio por um instante sob os olhares devoradores dos três homens, até que se levantou a dizer que não sabia de nada, e queria vê-la imediatamente.

Sua solicitação não foi bem recebida. Sentiu uma mão em seu ombro forçando-o a sentar novamente, ouviu que não estava compreendendo a situação, e se não colaborasse, as coisas não ficariam bem para nenhum dos dois. Ele verdadeiramente não sabia de muita coisa, sua companheira mantinha muitas ações longe de seu conhecimento, pois sabia dos riscos que corria, mas ele conhecia alguns dos contatos de Felicidade, e pensou em algo que poderia fazer-lhe ganhar algum tempo. Disse aos homens que poderia ajudar, mas precisava de tempo. Prometeu que ajudaria desde que não fizessem nenhum mal a ela. Um dos homens que o acompanharam ao gabinete soltou um grunhido de desaprovção, ao que a autoridade contestou, dizendo que ele sabia o que poderia lhe acontecer caso não ajudasse, e após este aviso, foi dispensado como um cachorro.

Ao chegar em casa, não havia nada no lugar. Tudo fora revirado, móveis quebrados, roupas jogadas, quadros e livros rasgados. Sentiu medo de que jamais voltaria a ver Felicidade, e chorou de medo e raiva enquanto organizava o caos em que haviam transformado sua casa. Após tomar um banho e organizar seus pensamentos saiu de casa em busca de uma amiga, parceira da companheira, com quem sabia que poderia contar. Encontrou-a em um dos locais de segurança que Felicidade lhe havia indicado caso algo grave acontecesse. Conversaram por algumas horas até que chegaram a uma ideia. Entregariam uma das bases da resistência que já havia sido desativada por não confiarem na vizinhança do local.

No dia seguinte chegou cedo ao trabalho, não dormira quase nada, estava exausto e com medo. Pediu para falar ao supervisor, precisava ir ao gabinete com urgência. Foi mandado de volta ao almoxarifado onde após algum tempo recebeu a visita dos dois homens do dia anterior. Ele passou as informações que combinara com a amiga e pediu que o levassem a Felicidade. Mandaram-no calar e ir para casa, que receberia notícias após checarem o que havia dito. O plano funcionou, na base desativada ainda havia materiais da resistência, e a vizinhança confirmou as movimentações. No final do dia ouviu um barulho de carro na frente da casa, portas batidas e cantar de pneus. Correu à porta e encontrou Felicidade no chão, abatida. Ela foi capaz somente de dizer para ele não se preocupar, que estava bem, antes de desfalecer nos braços do companheiro. Nas semanas seguintes foi trabalhar angustiado, sentia-se vigiado onde quer que fosse, até que o país parou.

Em ações coordenadas contra o governo central, as províncias articularam golpes e tornaram-se independentes. O governo central controlava agora somente a região central do país, mas para os governantes pouca coisa mudou. Vinculados por acordos comerciais e de colaboração militar destituíram o inepto presidente e fortaleceram suas elites locais. Aproveitaram a situação para instituir administrações extremamente rigorosas, levando a população a um estado ainda mais calamitoso. As instituições estatais foram completamente reorganizadas, muitos trabalhadores foram demitidos acusados vagamente, sem direito de defesa, de traição ou vinculações suspeitas. Foram anos turbulentos.

No início, os recém-instituídos governos das províncias surpreenderam a resistência e conseguiram impor suas vontades. Aprovaram constituições em tempo recorde, controlaram as manifestações com força bruta, e contaram com apoio internacional que se beneficiava do novo arranjo de fronteiras. A população estava mais dividida do que nunca. Os defensores dos novos estados, grande parte das camadas mais favorecidas, servidores das forças de segurança, independentistas e parasitas, exaltavam a divisão, diziam ter sido benéfico terem se livrado do peso morto das outras províncias. Os que continuavam sendo explorados, mantidos na categoria de sobreviventes e não indivíduos, e os que tinham coragem de discordar das atrocidades cometidas por seus governantes acabaram obrigados a se conformar.

Para eles a mudança também não foi fácil, mas serviu para desviar as tensões das perseguições que sofriam. Ele foi afetado pelas demissões em massa dos órgãos administrativos e ela sentia muita falta da família. Alguns meses depois dos golpes separatistas eles fugiram para o norte, e encontraram abrigo na casa de uns primos de Felicidade. Ele voltou a dar aulas de história na mesma escola municipal em que ofereceram a ela o posto de cozinheira. A adaptação aconteceu de forma natural e surpreendente, estabeleceram bons laços na escola e no bairro em que moravam, em pouco tempo já reuniam pequenos grupos de conversa que abordavam os mais diversos temas procurando ajudar aqueles com quem conviviam.

Os estados do norte, mais pobres que o restante das províncias independentes, conseguiram alcançar um melhor equilíbrio social nos primeiros anos da nova ordem, oferecendo mais tranquilidade a seus cidadãos, apesar do estado de vigilância permanente. Cada província preocupada em estabelecer seus próprios governos deram mais atenção aos conflitos internos que aqueles relacionados ao antigo país. Todavia, tão logo acalmaram-se os ânimos sobre a divisão, os estados do sul, mais fortes, convenceram seus habitantes que a culpa da atual circunstância provinha da arrogância do norte. A briga econômica entre as províncias foi o estopim para novos conflitos.

Felicidade não se importou em trabalhar como cozinheira na escola, via como um privilégio contribuir para uma parte fundamental da vida de todos ali. Tinha contato com todos os empregados, era querida pelos alunos, e sua postura humilde e ativa cativava a todos. Felicidade manteve seus vínculos antigos, com os amigos que fizera em seu centro comunitário no sul. Em pouco tempo ela retomou suas atividades com a antiga resistência, defendendo a valorização da antiga unidade do país, se não física, cultural. Ele, em suas aulas, repetia os

movimentos dela, e ao invés de ensinar fantasias de um novo país, enfatizava a história das outras províncias sempre vinculadas ao lugar que ele e os estudantes agora ocupavam.

Os novos conflitos não foram uma surpresa, mas foram ainda mais implacáveis. Os governos do sul se voltaram contra o norte em um movimento sincronizado e relâmpago. Foi um massacre. A invasão começou em uma madrugada de primavera, uma semana depois o governo havia sido substituído por um interventor, e o estado declarado distrito administrativo do sul. Era uma noite tranquila e silenciosa, soprava uma brisa fresca pelas janelas abertas, até que todos foram surpreendidos por uma série de explosões e disparos. Os clarões foram vistos ao redor da capital onde se situavam as principais bases de defesa, no dia seguinte as tropas do sul ocupavam as ruas. Durante um mês os conflitos foram constantes nas principais cidades do estado, até que certo dia a população foi orientada a retomar suas atividades normalmente.

Na escola o clima era de medo. Os alunos choravam com frequência, alguns haviam perdido familiares e a escola ajudava em oferecê-los amparo. Os professores também estavam assustados, em supervisão constante, temiam os desdobramentos da invasão, que não tardaram a perceber. Começou com uma reformulação do quadro de funcionários, as reuniões de conselhos só aconteciam com autorização da direção, seguranças armados faziam rondas frequentemente nas salas de aulas, teatros e ginásios, interventores coordenavam os conteúdos lecionados. Até que, certo dia, os dois receberam uma notificação da direção em envelope lacrado ao final do expediente.

O período da invasão não esmoreceu o ânimo dos dois. Ela defendia que resistiam por princípios, era inaceitável tudo a que foram submetidos. Governantes após governantes, todos perderam do seu foco de ações o mais importante, as pessoas que constituíam aquela nação, esfacelada por interesses gananciosos da minoria que detinha o poder e seus parasitas ignorantes. Por certo Felicidade não se deixaria abalar por qualquer um que fosse, e não tinha medo das consequências. Ele seguia seus passos de olhos fechados, mas não escondia certa apreensão em algumas iniciativas. Via-se pequeno diante dos desafios, e contava com a orientação dela para todas as decisões que tomava. Era ela quem lhe dava forças a prosseguir, e por mais que não gostasse do embate aberto como ela sempre se propôs, aprendeu com ela que somente aqueles que se posicionam sobre o que querem e o que defendem são considerados justos e dignos.

A intervenção não interrompeu as reuniões que realizavam com os funcionários da escola e alguns pais de discentes, apenas as fizeram acontecer na clandestinidade, o que não era novidade. Inicialmente aconteciam esporádicas, acompanhando os acontecimentos, depois voltaram a acontecer com mais frequência. Ninguém ali planejava uma revolução, ou um golpe. Mesmo nos contatos com as centrais do sul, a pauta das discussões eram temas do dia-a-dia de cada uma dos participantes. Queriam direitos básicos, queriam o fim das perseguições de todas as naturezas, desejavam autonomia mesmo em um sistema que os compeliavam ao trabalho compulsório, decisões programadas e lazeres raros.

Receberam a notificação da diretoria no final de um dia de trabalho. Na saída da escola, os olhares de alguns outros colegas confirmaram que eles também haviam recebido. Nos envelopes, uma única folha timbrada com o selo do sul continha uma mensagem padrão, deveriam se apresentar no ginásio do colégio à primeira hora de trabalho. Saberem dos outros funcionários convocados por um lado amenizava a expectativa, não acreditavam que qualquer coisa pudesse ser feita em plena luz do dia a trabalhadores de uma escola, por outro lado, sabiam que alguns dos convocados participavam de seus grupos de conversa e partilhavam dos seus ideais.

Naquela noite ele dormiu mal. Teve pesadelos que pareciam reais, era como se revivesse as experiências passadas todas em um só sonho. O pai aparecia para assombrá-lo, os filhos dos coronéis o ameaçavam, ele procurava por Felicidade e não a via apesar de ouvir sua voz a pedir por ajuda. A via, então, à distância, sobre um tablado, acompanhada de homens encapuzados e

rodeados por uma multidão. Seus esforços para se aproximar eram vãos, seus gritos eram engolidos pelo alvoroço ao redor. Corria perdido em busca de ajuda, não sabia mais onde estava. De repente uma explosão levou-o ao chão, desacordado.

Sentiu no afago dela o calor da manhã, era como se por um instante tudo não passasse de um sonho. O cheiro do café o lembrou de quando começaram a morar juntos, parecia-lhe um outro tempo, distante. A bebida quente e a visão dela a sua frente eram reconfortantes, bastava-lhe isso para viver plenamente. Ela o olhava como se soubesse exatamente o que pensava. Lembrou-se também das primeiras lutas juntos, das atividades comunitárias, de como enfrentaram de cabeça erguida todos os obstáculos que os trouxeram até aqui. Tinha certeza que haviam vencido, e isso bastava-lhe. Em silêncio terminaram o café, se levantaram e vestiram-se. Olharam-se com uma cumplicidade construída lentamente ao longo do tempo, eram felizes. Deram-se as mãos e se foram sem olhar para trás. Não trancaram a porta ao sair.

Data de submissão: 31/05/2022

Data de aceite: 08/08/2022